

SALLES, Vicente. Duas condezas italianas (e outras mais) na
vida de Carlos Gomes. A Província do Pará, Belém, 08 abr. 1996.

Duas condessas

italianas (e outras mais)

na vida de

Carlos Gomes

Vicente Salles

Na biografia de Antonio Carlos Gomes, o outono da vida foi farto de assédio sexual. Isto é o que parece dizer a pena indiscreta de Rubem Fonseca na fantasia biográfica. *O Selvagem da Ópera*, 1995. A pena aponta apenas três mulheres amadas com quase insana paixão: a condessa Maria Cavallini, a mais rica; Hariclé Darclée, a mais extasiante; Diana Raggi, a mais discreta e mais fiel. Três cantoras insignes. Três paixões desesperadas.

Paixões da juventude também foram assinaladas. O homem é o animal que se apaixona. E este um passaré pelos salões milaneses como tipo exótico nativo dum país distante. O retrato é debuxado com cores vivas: é um mulato fogoso, sensual, adorável selvaggio, às vezes merecedor de comiseração, pobre salvagenzinho - "il povero selvaggetto" - , às vezes arrancando do peito exclamações indômitas. "Sento una forza indomita".

O ser é humano. Quando a libido não cai da cabeça, é orquícefalo, como analisa o psicanalista Valmir A. da Silva. Libertinagem é uma gostosa diversão. André Rebouças, o amigo fiel, fez observações um tanto ou nem tanto exageradas. Foram pinçadas idéias de comportamento pouco vulgar. Cruzou no caminho de Carlos Gomes o libretista Ghislanzoni com seu "desprezo pelo sexo feminino" e a tara do "sultanicismo oriental".

A cena com a soprano russa Nadina Bulicioff é destacada: uma questão de status diante da humilde Dulce, sem atavios patronímicos, pobre costureirinha que saltitava buligosa e provocadora pelos bastidores do Teatro Lírico Fluminense.

A Bulicioff - ou Nadina Bulichof como grava Lopes Gonçalves no seu succulento Dicionário histórico e literário do teatro no Brasil, 2 v., p. 310 - costurava no ar os fios de Ariadne cantando bellamente as árias do Salvador Rosa. Era um tesão que enlevava infinitamente il selvaggetto brasiliense.

Indonável na sua força, recém-chegado na Itália freqüentou o célebre salão da Condessa Maffei, rica e inteligente, amiga de Verdi, de políticos e de revolucionários italianos. Mulher independente, de muito prestígio, viajaria cercada de admiradores. Teria sido pistolão decisivo

para a montagem de *O Guarani*, no Teatro alla Scala, de Milão, voz corrente que Rubem Fonseca passou para as páginas de *O Selvagem da Ópera*.

Clara Maffei teria tido compensações? A história a trata com muita dignidade. A carta de Aleardi, que faz a apresentação do jovem forasteiro e pede a nobre proteção da condessa, trata-o com certa comiseração. Era o pobre selvagezinho - "il povero selvaggetto" - repito - assim mesmo, comiserado, sem a força indômita, um timido de marca maior. Será?

Mulheres bonitas. Mulheres ricas. Mulheres inteligentes. Três iluminaram os sonhos eróticos de Carlos Gomes, no outono, dobrado meio século de existência, viúvo.

A Cavallini, insigne "Cecília", apesar de rica, desencantou-se.

A exuberante Darclée além dos muitos afagos ganhou o papel apaixonado de Odaléa, a heroína da ópera *Condor*. estava na dela.

A Raggi, a menos notada, foi a mais fiel, quis até acompanhá-lo a Belém, na sua última viagem, velho e alquebrado. Não era bonita, mas era bem dotada de voz, rival da célebre Adelina Patti. Mereceu da própria filha Itala algumas palavras de admiração: "Voz de timbre agradável e de extensão absolutamente invulgar, que amou sinceramente o maestro e durante muitos anos esperou sempre poder casar com ele".

E mais, com o merecido destaque:

"Excelente musicista, meu Pai a fizera cantar em 1888 perante o Imperador, que ficou maravillado com a sua voz verdadeiramente extraordinária. No meu juízo de garota, não me parecia ser uma mulher bonita, era antes graciosa, alta, elegantíssima e muito instruída. Caráter severo e autoritário, teria talvez sido uma excelente companheira para Carlos Gomes, que todavia difficilmente se submeteria a qualquer influência feminina, dando-nos mesmo uma boa madrasta. Sei que depois da morte de meu pai, Diana Raggi retirou-se para sempre da carreira artística e findou, inconsolável, seus dias, obscuramente, dedicando um culto eterno à memória do seu ídolo" (*A vida de Carlos Gomes*, Rio de Janeiro, 1935, p.209-210).

